

Isto é
21/5/97 41x42
66



Moradores da fazenda dançam o jongo: herança dos tempos da escravidão

GENA BRASILEIRA

De pai para filho

No interior do Rio, descendentes de escravos vivem sem luz elétrica e lutam para manter a tradição

LIANA MELO

Negro no cativo. Passou tanto trabalho. Ganhou sua liberdade. No dia 13 de maio. O canto ecoou forte, ritmado pela batida seca dos tambus. Era terça-feira, 13 de maio. Dia de festa na Fazenda São José, próximo a Valença, na região sul fluminense. Ao redor de uma feijoada caprichada, um grupo de negros canta e dança. Como se o tempo não tivesse passado por essas bandas, 120 descendentes de escravos comemoram o dia da abolição da escravatura. Desplugados do mundo dos brancos, sem televisão, geladeira, carro ou mesmo água encanada, os negros da Fazenda São José vivem como se estivessem ainda num quilombo. Não são descendentes de escravos fugidos, mas é como se fossem. Moram numa comunidade fechada, praticamente isolada, e lutam para preservar o que restou de suas tradições.

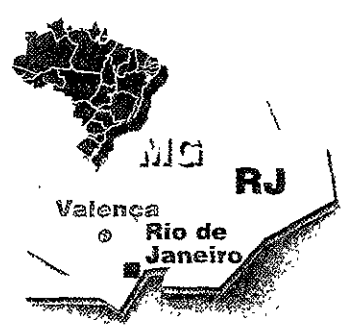
Antônio Nascimento Fernandez, espécie de embaixador dos negros da Fazenda São José, é um dos poucos que conhecem a história de sua gente. Ele elegeu-se vereador em Valença pelo PFL com os votos da comunidade. Conta Fernandez que, com a decretação da Lei Áurea, seus antepassados foram agraciados com um pedaço de terra da família Ferraz, proprietária da fazenda produtora de café. Recém-libertos, os antigos escravos se estabeleceram na fazenda num trecho de 35 alqueires e passaram a viver da cultura da terra.

Passados 109 anos, a comunidade tem a posse da terra, mas não sua propriedade. Vivem em ca-

sebres feitos de tijolo de barro cru e cobertos de sapês. Sem documentos para contar suas origens, eles preservam suas raízes graças à tradição oral. Dos tempos da escravidão não sobraram muitos vestígios – apenas uma jabuticabeira é testemunha do passado quando os negros moravam na senzala e eram castigados pelos feitores. Vivendo hoje como colonos, plantam feijão e milho no solo esgotado pelo café, que um dia fez a riqueza dos fazendeiros da região.

As festas sempre são feitas em torno de uma fogueira quando jovens, velhos e crianças passam a noite dançando o jongo – uma dança de roda da época da escravidão. O acompanhamento é feito exclusivamente por tambores, ou tambus, feitos artesanalmente a partir de troncos de árvores ocós cobertos em uma das extremidades com pele de animal. Na época dos escravos, a dança, com passos que lembram a capoeira, era usada para camuflar desavenças entre os negros.

“Não saio daqui por dinheiro nenhum. Temos muito orgulho de nossas origens. Aqui encontramos o passado”, filosofa Fernandez. Depois de eleito vereador,





FOTOS PEDRO AGILSON

O vereador Fernandes com Mãe Zeferina: "Temos orgulho de nossas origens"

ele conseguiu uma kombi para levar e trazer diariamente a professora Marta Pena do distrito de Santa Isabel do Rio Preto, a 12 quilômetros, para dar aulas aos 24 alunos da Escola Municipal Antônio Alves Moreira, localizada no núcleo da Fazenda São José. Cerca de 15 outros adolescentes vão diariamente a Santa Isabel estudar no Colégio Estadual Guilherme Milfedo. Os livros e a merenda são doados pela Prefeitura de Valença. Como não existe luz elétrica na comunidade, os alimentos perecíveis são guardados na geladeira da professora Marta, em Santa Isabel. É na escola da fazenda que as crianças aprendem a cultuar abolicionistas como José do Patrocínio, Rui Barbosa, Eusébio de Queiroz, Joaquim Nabuco e princesa Isabel.

Ao contrário dos negros politicamente corretos que decretaram que a data comemorativa da libertação dos escravos é 20 de novembro, em memória a Zumbi, herói do Quilombo dos Palmares, e não mais 13 de maio, os negros da Fazenda São José preferem seguir o tradicional. A data foi comemorada com quatro dias de festa, que começou no sábado 10. "Festa é com a gente mesmo, se deixar a gente dança cinco dias sem parar", brinca Antônio Nascimento.

Sem grandes discussões históricas, os jovens da Fazenda São José querem mesmo é continuar dançando o jongo e acreditando nas tradições do seu povo. Não há entre eles quem já não tenha visto ou ouvido falar da Mãe de Ouro – uma divindade em forma de bola de fogo multicolorida que surge no céu, ilumina o roçado e depois desaparece em uma clareira da Serra do Cavalo Ruço. Esta lenda que povoa o

entre os moradores da Fazenda São José. Quem não leva Nascimento no sobrenome assina Seabra. É Manuel Seabra, por exemplo, que vem a ser primo de Mãe Zeferina, que cura os males dos moradores da comunidade. Remédios comuns como Aspirina e Novalgina são raridades na Fazenda São José. Até os pequenos sabem que para curar dor de cabeça nada melhor do que um dente de alho ou uma folha seca de café presa na testa. Para dor de barriga, o melhor remédio é mesmo chá de erva-de-são-jão, santa-maria e broto de Cambará. Os velhos curam o reumatismo com um xarope de jiló preto embebido em álcool. "Só não dou a receita para impotência sexual", vai logo avisando Manuel Seabra, que guarda o segredo do seu xarope milagroso a sete chaves. Prestando atenção na localização da



O curandeiro Seabra: remédios à base de ervas e xarope contra impotência

imaginário dos negros desde o tempo da escravidão é cultuada até hoje pelos moradores da Fazenda São José. Eles acreditam que a aparição da Mãe de Ouro é uma indicação de que algo de bom vai acontecer.

Quando Mãe de Ouro demora a aparecer é Mãe Zeferina quem lança mão de seus dotes espirituais para ajudar a comunidade. Mãe-de-santo, Zeferina do Nascimento, mantém na comunidade uma casa de oração e um centro de umbanda em Santa Isabel do Rio Preto. Mãe Zeferina lembra que um dia foi católica, mas há cerca de 30 anos sentiu "de repente umas coisas". Quem mexia com estas coisas da umbanda antes de Mãe Zeferina era Tia Januária, sua parente de primeiro grau.

Parentesco por sinal é uma constante

Fazenda São José entende-se, em parte, a razão do quase isolamento da comunidade. Escondidos entre a Serra da Beleza e o Pico do Cavalo Ruço, seus moradores precisam ir a pé ou a cavalo, a cada 15 dias, a Santa Isabel do Rio Preto comprar sal e açúcar. Apesar de pobres, são praticamente auto-suficientes em alimentos. Os mais idosos recebem um salário mínimo de pensão do INSS, devido aos anos trabalhados no campo. Sem grandes ambições, passam o dia fumando cigarro de palha de milho. Um deles, Sebastião Nascimento, receita que as novas gerações não possam desfrutar por muito mais tempo das histórias da Fazenda São José. "Já perdemos muitos irmãos, mas vamos continuar resistindo para preservar nossas origens." ■